

## À MESA COM ALBERTO MANGUEL: CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Bruno Pires de Oliveira\*  
Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha\*\*

**Resumo:** A pesquisa teve como objetivo identificar, nos ensaios de Alberto Manguel, as funções da leitura e contribuições da leitura literária para a formação dos sujeitos e, em especial, relacionar as experiências de leitura ao desenvolvimento pessoal e profissional docente, extraindo lições para as práticas de formação inicial e continuada de professores. Com a sistematização das leituras das obras é possível afirmar que a literatura se faz indispensável nos processos formativos na medida em que promove, a partir da leitura criadora, autoconhecimento, consciência das relações com/no mundo e possibilidade de questionar e transformar a prática docente.

**Palavras-chave:** Leitura, literatura, formação de professores.

### AT THE TABLE WITH ALBERTO MANGUEL: CONTRIBUTIONS OF LITERARY READING IN TEACHER'S TRAINING

**Abstract:** The research had the purpose of identifying the reading functions and the contributions of literary reading to people training on Alberto Manguel essays, especially, relating the experiences of reading with teacher's personal and professional development, by extracting lessons to the practice of initial and continuing teachers training. With the systematization of reading works it is possible to state that literature is essential in the formation processes as it promotes self-knowledge, awareness of relationships with and in the world and also the possibility of questioning and transforming teacher's practice.

**Keywords:** Reading, literature, teacher training.

### Introdução

O texto socializa as discussões e análises produzidas no contexto de um projeto de Iniciação Científica desenvolvido entre 2011/2012 e que teve como objetivo principal identificar nos ensaios de Alberto Manguel as funções da leitura e contribuições da leitura literária para a formação dos sujeitos a fim de relacionar as experiências de leitura ao desenvolvimento pessoal e profissional docente, extraindo lições para as práticas de formação inicial e continuada de professores.

Cabe destacar que o título do artigo, "À mesa com Alberto Manguel: contribuições da leitura literária na formação docente", emprega o mesmo jogo de palavras usado por Manguel em "À mesa com o chapeleiro maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas" (2009). No nosso texto, à mesa com Manguel, produzimos um diálogo entre as várias obras do autor e nosso

próprio exercício de leitura criadora. A leitura criadora, para Manguel (2008a, p. 104), é uma leitura fundada na interpretação, uma vez que “toda leitura revela as circunstâncias do leitor, das quais do resto deriva”. Concordamos que “nossa experiência elabora outras experiências, nossa memória elabora outras memórias” (MANGUEL, 2006, p. 163) e, portanto, nossa escrita materializa essa experiência e nosso interesse pelo campo da formação de professores.

A formação de professores corresponde a um processo que supõe a construção de múltiplos saberes das diferentes áreas do conhecimento e que acontece em muitos espaços, mediada por práticas relacionais e culturais. O desenvolvimento profissional ocorre na simultaneidade do desenvolvimento pessoal do professor, compreendido como conhecimento de si próprio, como autoconsciência que permite reconhecer-se implicado nas relações e transformações que ocorrem na escola (SÁ-CHAVES, 2000).

Concordamos com Nóvoa (2010, p. 167) que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. E, nesse sentido, “a formação pertence exclusivamente à pessoa que se forma” (p. 172).

Isso não significa que os apoios exteriores que ajudam, estimulam e inspiram os percursos individuais não sejam necessários, pois “a formação é um espaço de socialização e está marcada pelos contextos institucionais, profissionais, socioculturais e econômicos em que cada indivíduo vive” (p. 172). No entanto, o processo de formação é, fundamentalmente, uma tomada de consciência (NÓVOA, 2010) e deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva (NÓVOA, 1992).

Compreendemos que a autoconsciência ou consciência de si pode ser ampliada no contato com as tramas literárias em que “cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu” (LARROSA, 1998, p. 23) já que a leitura é a “iniciadora de chaves mágicas que abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar” (PROUST, 1999, p. 35).

Para Petit (2009), “não é um luxo poder pensar a própria vida com a ajuda de obras de ficção ou de testemunhos que tocam no mais profundo da experiência humana” (p. 78). Ao contrário, defende que o acesso a obras que nos ensinam a respeito de nós mesmos e sobre outras vidas e lugares é, sobretudo, um direito e uma questão de dignidade.

Os escritores nos ajudam a nomear os estados pelos quais passamos, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor, a compartilhá-los. Graças as suas histórias, escrevemos a nossa, por entre as linhas. E porque tocam o mais profundo da experiência humana – a perda, o amor, o

desespero da separação, a busca de sentido – não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós (PETIT, 2009, p. 38-39).

Para Candido (2002), a literatura tem uma função humanizadora, ou seja, a capacidade de confirmar a humanidade do homem na medida em que ao representar uma dada realidade social e humana permite que o leitor compreenda melhor essa mesma realidade. Soares (2004) defende a mesma posição e relaciona os conceitos de humanização à democratização, argumentando que a leitura literária, além de condição para uma plena democracia cultural, é também um instrumento que tem o potencial de democratizar o ser humano.

No entanto, como apontado por Cadermatori,

o Brasil ainda não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica, cultural [...]. Não podemos esquecer, porém, que muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores e, às vezes, pensam ser deficiência pessoal o que, na verdade, provém de um âmbito muito mais amplo, como a dívida social do país com seu povo. Outros, porém, tiveram a formação de leitor favorecida por circunstâncias familiares ou escolares, quando não por ambas [...]. E ainda há aqueles que se tornaram leitores apesar de todas as circunstâncias para não sê-lo (CADERMATORI, 2009, p. 25).

Defende que a leitura é pré-requisito e via de acesso a um verdadeiro direito de cidadania porque permite “a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, como também a tomada de distância, a elaboração de um mundo próprio, de uma reflexão própria” (p. 148).

Esse potencial formativo da leitura e da literatura é referência na vasta obra de Alberto Manguel (2002, p. 27), para quem “ler nos ajuda a manter a coerência no caos, não a eliminá-lo [...]; a não confiar na superfície brilhante das palavras, mas a investigar a escuridão”.

Embora sua obra não trate especificamente das contribuições da leitura e da literatura para a formação de professores, seus ensaios podem permitir que os formadores de professores extraiam lições importantes para o planejamento e encaminhamento de práticas de formação docente.

## **O itinerário da pesquisa**

Para a realização dessa pesquisa, de natureza bibliográfica, o primeiro passo foi o levantamento das obras de Manguel disponíveis em língua portuguesa.

Selecionamos treze livros e separamos em dois grupos: ensaios e não ensaios. Os ensaios correspondem a sete títulos: “Uma história da leitura” (1997), “A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos” (2008a); “A biblioteca à noite” (2006); “À mesa com o chapeleiro maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas” (2009); “No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo” (2000); “Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas” (2005b) e “Lendo imagens” (2001).

Os livros de não ensaios são: “Todos os homens são mentirosos” (2010); “Ilíada e a Odisséia de Homero: uma biografia” (2008b); “O amante detalhista” (2005a); “Contos de amor do século XIX” (2007); “Contos de horror do século XIX” (2005c) e “Dicionário de lugares imaginários” (MANGUEL; GUADALUPI, 2003).

A princípio, classificamos as obras em ensaios e ficção. No entanto, lendo as obras, nos deparamos com o fato de que Manguel não contrapõe a ficção a outros gêneros, tampouco à realidade. Argumentando que tanto a realidade quanto a ficção são feitas de palavras, em “No bosque do espelho” (2000) o autor destaca que a realidade é nada mais que uma ficção, chegando a afirmar que a história oficial da humanidade também é uma ficção. Em “Os livros e os dias” (2005b) retoma essa discussão apontando que o cotidiano é ficção na medida em que todo lugar é um lugar imaginário, pois um lugar nunca é o lugar em si, mas como alguém imagina que ele seja. Assim sendo, não podemos afirmar que os ensaios não são ficção e, por isso, ajustamos as categorias para ensaios e não ensaios.

Estamos compreendendo o ensaio na perspectiva de Larrosa (2003), que o apresenta como gênero textual híbrido e que dilui as fronteiras entre filosofia e literatura, isto é, entre escrita cognoscitiva e escrita imaginativa ou poética. Defende que o ensaísta é um “leitor que escreve e um escritor que lê” (p. 107) ou, em outras palavras, “alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê” (p. 108).

Com relação ao processo de construção da pesquisa, o trabalho de leitura e sistematização conceitual foi iniciado primeiramente pelos livros de ensaios, resultando em sete extensas fichas de leitura. Compreendemos a produção dessas fichas de leitura como etapa indispensável para a organização e sistematização das ideias do autor e possibilidade para estabelecer relações e diálogos com outros textos. Para Eco, uma ficha de leitura é aquela “em que você anota com exatidão todas as referências bibliográficas concernentes a um livro ou artigo, explora-lhe o conteúdo, tira dele citações-chaves, forma um juízo e faz observações” (ECO, 1989, p. 96). As fichas de leitura, posteriormente, foram transformadas em sínteses que buscaram destacar aspectos mais específicos relacionados aos objetivos da pesquisa.

Quando começamos a leitura dos livros de não ensaio, observamos que poucos elementos acrescentariam à discussão sobre as contribuições

da leitura literária para a formação dos professores, embora pudessem ser tomados como metáforas para a temática. No entanto, optamos por não considerar esses livros na pesquisa, dedicando-nos ao aprofundamento dos ensaios.

Com as fichas de leitura e com as sínteses, retomando os objetivos da pesquisa, três eixos de análises emergiram das sucessivas leituras realizadas: 1. A leitura e o leitor; 2. O lido e o vivido; 3. Funções do lido na relação com o vivido. Esses eixos evidenciam a indissociabilidade entre leitura e experiência do leitor, marca que elegemos como característica fundamental da teoria de Manguel.

### **As lições de Manguel para as práticas de formação**

Considerando que a formação exige a articulação entre as dimensões pessoais e profissionais, Nóvoa (1992, p. 25) destaca que a formação dos professores não é construída por acumulação de conhecimentos, técnicas e de cursos, mas por “um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”.

Assumindo que a literatura pode contribuir com esse trabalho de formação e que as obras de Manguel contribuem com essa discussão, organizamos alguns conceitos e posições do autor em três eixos de análise: a) A leitura e o leitor; b) O lido e o vivido; c) Funções do lido na relação com o vivido.

#### **a) A leitura e o leitor**

Na perspectiva de Manguel, livros podem ser considerados como espelhos do leitor em dois aspectos. O primeiro aspecto diz respeito às escolhas do leitor, escolhas identitárias, pois a identidade do leitor se caracteriza pelo que o mesmo escolhe ler e não ler (MANGUEL, 2000, 2006).

Nesse sentido, “toda biblioteca é autobiográfica” (2006, p. 162), pois as escolhas pessoais de leituras discorrerão sobre a trajetória de vida do leitor que escolhe, refletindo sua identidade. Como afirma Manguel (2001, 2006), as buscas e curiosidades de um sujeito definem a identidade do mesmo. Segundo o autor (MANGUEL, 2006), é possível saber quem é um sujeito apenas analisando sua biblioteca pessoal; as escolhas das obras (bem como a negação de outras, pois toda escolha ou eleição gera, necessariamente, uma exclusão) são marcas pessoais de um leitor singular.

Nossos livros testemunharão contra nós ou a nosso favor, nossos livros refletem quem somos e quem fomos, nossos livros têm nosso quinhão de páginas do Livro da Vida. Seremos julgados pelos livros que dizemos nossos (MANGUEL, 2006, p. 162-163).

Partindo da perspectiva da biblioteca pessoal entendida como autobiografia de seu dono, Manguel (2005b) elabora o apotegma *Lys ce que voudra* (Leia o que quiser)<sup>1</sup>, um evidente contraponto a qualquer jaez de imposição de leitura literária. Aos olhos do autor, uma lista de leitura não passa de uma tentativa tipicamente humana de organização do caos existencial, impregnada da identidade e das experiências do ordenador (MANGUEL, 2000). Como afirma em todas as suas obras, nenhuma ordem, biblioteca ou lista de leitura é neutra, inocente ou imparcial.

O segundo aspecto do livro-espelho está relacionado à interpretação. Interpretação que, por sua vez, também está conectada à identidade do leitor-interpretador. Aos olhos de Manguel, o ato interpretativo, assim como a escolha das obras, também é pessoal e identitário, de tal forma que o modo como o leitor lê revelará o que o mesmo possui dentro de si. Isso fica claro quando afirma que “lemos o que queremos ler, não o que o autor escreveu” (MANGUEL, 2005b, p. 54). A expressão empregada por Manguel – “o que queremos ler” – refere-se às curiosidades e interesses que levam o leitor, no decorrer da leitura, a destacar certos aspectos em detrimento de outros. Frisa que “algo de revelador sobre a natureza criativa do ato de ler está presente no fato de que um leitor pode desesperar e outro rir exatamente na mesma página” (MANGUEL, 1997, p. 113).

Devido ao fato de cada leitor carregar peculiaridades, o mesmo lerá de forma diferente, pois “cada leitor lê uma Odisséia diferente, e suas leituras prolongam as aventuras de Ulisses bem além das ilhas Afortunadas, rumo à eternidade” (MANGUEL, 2006, p. 252). Nesse sentido, Manguel (2000, p. 27) declara que “todas as verdadeiras leituras são subversivas”. Essa “subversão”, que é pautada pelas “regras da linguagem” (MANGUEL, 1997) e que é infinita no múltiplo universo da interpretação é o espelho das experiências do leitor. Tal premissa, da leitura compreendida como ato de criação do leitor, era compartilhada, como observou Manguel, por Machado de Assis:

Para Machado de Assis (bem como para Diderot e para Borges), o frontispício de um livro deveria ostentar os nomes do autor e do leitor, uma vez que eles compartilham sua paternidade. “O maior defeito deste livro és tu, leitor”, diz Machado de Assis em tom de acusação, lá pela metade de Memórias Póstumas de Brás Cubas (que apanhei na estante em outra noite de insônia) (MANGUEL, 2005b, p. 202).

Esse segundo aspecto do livro-espelho contrapõe-se à premissa da leitura entendida como mero ato de recepção. Para Manguel, a leitura é um ato de criação do leitor (conceito abordado em todas as obras de Manguel), pois quando o leitor cria algo diferente do que o autor propôs, modifica a obra que lê, subverte o livro. Seguindo o pressuposto da leitura entendida

como ato de criação peculiar mediado pelo que o criador tem dentro de si, Manguel nomeia o genuíno leitor de artífice (MANGUEL, 2008a) e de escritor (MANGUEL, 2009). De forma complementar, partindo da mesma ótica de que ler é criar, Manguel compreende a leitura, metaforicamente, como alquimia (MANGUEL, 2009) e nomeia de “ofício” a arte de ler (MANGUEL, 2000, 2005b, 2008a).

Manguel descreve algumas características da leitura subversiva, que é a forma de leitura ideal para o autor: a primeira, que é uma modalidade de leitura movida pelo comprometimento do leitor, pois “como Pinóquio não vê os livros como fonte de revelação, os livros não lhe devolvem, refletida, sua própria experiência” (MANGUEL, 2009, p. 45), uma vez que, como explica Manguel (2000), o livro pode ser visto como mera madeira rabiscada ou como portador de palavras que podem modificar o mundo e o leitor. Além disso, a leitura subversiva é pessoal, criativa ou (re)criativa, libertária, lúdica e imprevisível (MANGUEL, 2006). Manguel ainda explica que a leitura subversiva é oposta a modalidade de leitura caracterizada como superficial, passiva, monolítica; em última análise, o leitor não-subversivo aceita a identidade que lhe é imposta e devido a tal, não cria, não subverte (MANGUEL, 2006). Na perspectiva da leitura subversiva mangueliana, todo livro é uma obra inacabada que é completada pelo leitor-criador (MANGUEL, 1997, 2009). É evidente, portanto, que para Manguel (2000, 2008, 2009) é a postura do leitor que realmente faz a diferença e não o livro em si.

A leitura subversiva, para Manguel, é adúltera (1997): o leitor trai os livros que lê devido à associação entre os livros, pois “cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 1997, p. 33). É interessante destacar que, em “A biblioteca à noite” (2006), Alberto Manguel, mais do que reforçar o conceito da leitura associativa, ainda afirma que os livros modificam-se dependendo da sequência em que são lidos.

O que torna toda biblioteca um reflexo de seu proprietário não é apenas a seleção de títulos, mas a trama de associações implícita na seleção. Nossa experiência elabora outras experiências, nossa memória elabora outras memórias. Nossos livros dependem de outros livros, que os modificam e enriquecem, que lhes dão uma cronologia ao arripio dos dicionários de literatura (MANGUEL, 2006, p. 163).

As diversas leituras de um dado leitor constituem, pois, itinerários de experiências, de livro para livro, de prateleira para prateleira (adiante será esclarecido que esse itinerário entre livros se cruza com outro itinerário, o das vivências do leitor). Manguel demonstra que tais associações operadas pelos leitores não temem anacronismos, aliás, a leitura é uma atividade anacrônica, onde um livro escrito no passado é reconstruído por um leitor do presente (MANGUEL, 1997, 2006). Ademais, distâncias históricas não são obstáculos

para associações, pois muitas vezes autores separados por milênios dizem o mesmo, uma vez que há histórias literárias arquetípicas que traduzem dilemas crônicos da humanidade (MANGUEL, 1997, 2005, 2008, 2009).

É importante destacar que Manguel pugna pela leitura prazerosa. É justamente o prazer de ler que leva o leitor a subverter: “nenhum leitor que alguma vez obteve prazer com um livro tem muita confiança nesses métodos de catalogação” (MANGUEL, 2000, p. 37).

Sob a ótica de Alberto Manguel (2008a), a literatura é o oposto de qualquer postura dogmática, pois é metamorfose constante, contrária a estagnação. Afirma Manguel (1997, 2008a), portanto, que limitar a interpretação de outrem é uma forma de coerção política, destacando que leitores podem levantar as mais inusitadas questões de uma história literária, mesmo que tais levantamentos mal tenham sido propostos pelo autor (MANGUEL, 2009). Esse contraponto entre o que o autor desejou escrever e o que o leitor leu não deve provocar estranhamento nos leitores de Alberto Manguel, já que tal perspectiva é reforçada nas obras do autor e ele não faz questão alguma de esconder tal premissa: “o leitor contradiz o método do escritor, qualquer que seja este” (MANGUEL, 2005b, p. 102).

Manguel (2009) nomeia o ser humano de “animal leitor”, pois há uma essência perscrutadora, um anelo por interpretar dentro de cada indivíduo. Essa interpretação desejada, como já foi dito, é tentativa tipicamente humana de organizar o caos da existência (MANGUEL, 1997, 2000, 2005b, 2008a, 2009). Afirma o autor, referindo-se à “leitura” no sentido amplo, que é característica do “animal leitor”: “lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1997, p. 20).

Alberto Manguel reconhece o potencial interpretador que há dentro de cada “animal leitor”, no entanto, não cessa de considerar a leitura, propriamente dita, como imprescindível nesse processo. Os livros auxiliam, notadamente, o leitor a ordenar o caos: “para mim, as palavras numa página dão coerência ao mundo” (MANGUEL, 2000, p. 13). Segundo o autor, os leitores são privilegiados nessa empreitada de nomear ou renomear (organizar o caos): “a tarefa de nomear pertence a cada leitor. Os outros, que não leem, precisam nomear sua experiência da melhor maneira que puderem, construindo fontes verbais, por assim dizer, imaginando seus próprios livros” (MANGUEL, 2000, p. 24).

A leitura como ato de criação, motivada por escolhas e interpretações pessoais, tem íntima relação com o que é lido e vivido pelo leitor, relação que será exposta a seguir.

## **b) O lido e o vivido**

Segundo Manguel (2009), não há dicotomia entre ler e viver. O autor denuncia que a dicotomia artificial entre vida e leitura deve ser superada

não somente porque o cotidiano do leitor está conectado às suas leituras, mas porque a leitura literária é um ato de resistência frente às adversidades cotidianas (MANGUEL, 1997, 2006, 2008). Manguel (1997, 2000) concebe que a literatura se fortalece na injustiça e auxilia grupos oprimidos, resguardando suas identidades, potencializando suas vozes e espelhando suas experiências.

Sustenta que todo leitor está em permanente mutação e que os livros espelham essas mudanças (1997, 2000, 2001, 2005). Seguindo essa linha de raciocínio, afirma que “um livro se torna diferente a cada vez que o lemos” (MANGUEL, 2000, p. 20). Manguel (2000) demonstra, por exemplo, o quanto suas leituras pessoais da obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol, realizadas durante fases díspares de sua vida, espelham Alberto(s) Manguel(s) diferentes: quando criança, a obra de Carrol refletia os problemas pueris; quando adolescente, a mesma obra refletia questões da juventude etc.

Mas os livros não espelham somente as mudanças internas, refletem também as transformações do cotidiano do leitor (MANGUEL, 2005). Manguel argumenta que mesmo que um livro seja relido, será sempre diferente aos olhos de quem lê, também em função do encontro do livro com as novas configurações do cotidiano.

Sendo assim, há dois mutantes em cada leitor: sua identidade (mutante interno) e seu cotidiano (mutante externo), sendo que e os livros refletem sempre essas transformações e “jamais voltamos ao mesmo livro nem à mesma página, porque [...] nós mudamos e o livro muda” (MANGUEL, 1997, p. 82).

Manguel (1997, 2005b) enfatiza o quanto as histórias literárias dialogam com a vida fora do livro. A obra “Os livros e os dias” (2005b) é extremamente significativa nesse sentido. O livro é fruto de uma experiência operada pelo autor que, durante um ano, leu uma obra literária por mês (obras escolhidas segundo seu gosto pessoal<sup>2</sup>) e realiza anotações a respeito do que vive e do que lê, bem como do que se recorda já haver lido e vivido. Logo as narrativas do cotidiano de Manguel se mesclam às experiências das leituras das obras. Nessa experiência reconhece que a leitura literária possibilitou-lhe uma visão diferenciada dos fatos turbulentos do cotidiano.

Para Alberto Manguel (1997, 2000, 2005b, 2006, 2009), a literatura antecede ou confirma as experiências de vida do leitor. Ou, ainda, explica ao leitor experiências que o mesmo viveu, mas não pôde compreender na época da vivência (MANGUEL, 2005b). Nas palavras do autor, “minha leitura se liga a tudo o que faço, a todos os lugares que visito” (MANGUEL, 2005b, p. 210).

Em última análise, segundo Manguel (2005b, 2009), o cotidiano do leitor e suas leituras influenciam-se mutuamente.

Parece uma constatação óbvia que o leitor também recebe algo do autor (MANGUEL 1997, 2009) e que a sabedoria brota justamente do encontro

das intenções do autor com as subversões do leitor (MANGUEL, 2000). No entanto, é bom destacar que, para Manguel, a leitura, especialmente a literária, é vista mais como um ato incisivo, por parte do leitor, do que como um ato receptivo.

Seria um erro pensar na leitura como uma atividade meramente receptiva. Ao contrário: Mallarmé propôs que o dever de cada leitor era 'purificar o sentido das palavras da tribo'. Para isso, os leitores devem se apropriar dos livros. Em bibliotecas infundáveis, como ladrões na noite, os leitores surrupiam nomes, vastas e maravilhosas criações tão simples quando Adão e tão artificiais quando Rumpelstiltskin (MANGUEL, 2000, p. 24).

O fato é que o modelo mangueliano de leitura criadora e pessoal, ou seja, autobiográfico, vai contra a antiga premissa de que o leitor seria uma espécie de receptáculo que recebe passivamente o conteúdo cognitivo do autor. Como esclarece Manguel,

o poder dos leitores não se esgota em sua capacidade de reunir informações, ordenar e catalogar, mas em seu dom de interpretar, associar e transformar suas leituras [...]; o conhecimento não consiste no acúmulo de textos ou informações, nem no livro como objeto, mas na experiência resgatada das páginas e novamente transformada em experiência, em palavras que se refletem tanto no mundo exterior como no próprio ser do leitor (MANGUEL, 2006, p. 83).

Manguel (2006) denuncia que as bibliotecas e livros, ordinariamente, são os alvos principais das ditaduras e tiranias. Bibliotecas são fontes de subversão para o autor e os governos autoritários sabem muito bem disso. "As bibliotecas, por sua mera existência, não apenas afirmam, mas também questionam a autoridade dos poderes constituídos" (MANGUEL, 2006, p. 109).

Outra vítima comum nas ditaduras e tiranias é o escritor. O autor explica o motivo em "No bosque do espelho":

um texto permite em si mesmo mais liberdade do que usualmente julgamos possível; é por isso que os governos nunca se entusiasma de fato com a alfabetização, e é por isso que em geral são os escritores – e raras vezes os mergulhadores ou os corretores da bolsa – que acabam presos, torturados e mortos por motivos políticos (MANGUEL, 2000, p. 215).

Nesse sentido, literatura é um assunto político relacionado ao poder. Pelo menos assim compreendeu o ditador chileno Pinochet, que proibiu em todo o território do Chile a leitura da obra literária Dom Quixote, pois, segundo o ditador, tal obra incentivava a desobediência civil. De forma semelhante também compreendeu certo ministro da cultura japonês que se contrapôs a leitura da obra literária Pinóquio (MANGUEL, 2006).

Denuncia Manguel que os indivíduos aprendem a ler mediante incentivo do Estado ou governo, mas aprendem de maneira limitada, controlada, e não de forma subversiva:

os métodos pelos quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação a alfabetização – a canalização da informação, as hierarquias do conhecimento e poder –, como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso (MANGUEL, 1997, p. 85).

Pois,

embora um texto possibilite várias leituras, está claro que os grupos no poder, definidos em oposição aos grupos que eles exploram, determinam em larga medida a leitura aceita. O homem acima da mulher, o branco acima do negro, o heterossexual acima do homossexual (MANGUEL, 2000, p. 213).

Merece destaque o fato de que a leitura literária é interventora do cotidiano (MANGUEL, 2006, 2009). Segundo o autor, as histórias literárias oferecem novos caminhos e possibilidades para a própria história de vida do leitor. Manguel (2008a, 2009) afirma que os livros dão voz às experiências e que, partindo dessas experiências do passado, acumuladas nos livros, o leitor pode transformar e subverter uma realidade que lhe é imposta no presente por intermédio da imaginação fomentada pela literatura. Nesse sentido, a literatura é um atentado a qualquer forma de conformismo.

É característica marcante de Manguel, em todas as obras aqui analisadas, a defesa à ficção. O autor contrapõe-se, pois, a uma mentalidade hegemônica, historicamente construída, que desqualifica a ficção e o poder do escritor e, conseqüentemente, do leitor de mudar o mundo (MANGUEL, 2000, 2008a). Destaca, ainda, que o desprezo ou subestimação que a sociedade, de maneira geral, nutre para com os escritores é característica moderna, já que a escrita, desde os seus primórdios, sempre foi vista como mágica e poderosa (MANGUEL, 1997, 2000, 2009). Apesar do desprezo moderno, Manguel realça que o livro, muitas vezes, é visto até hoje como um poderoso símbolo do conhecimento. Constata que a mera posse de um livro em mãos, muitas vezes, exala autoridade intelectual, mesmo que nem ao menos tenha sido aberto.

O autor dilacera e inverte valores hegemônicos em “No bosque do espelho” (2000) quando afirma que profissionais que lidam com dinheiro, por exemplo, que são superestimados na contemporaneidade, manuseiam elementos irrealis, meros papéis simbólicos que representam apenas quantias financeiras. Já o artista, o literato, lida com “realidades internas e externas”. Aos olhos do autor, um personagem literário fantástico como um unicórnio, por exemplo, tem mais a dizer sobre a essência humana que as quedas e ascensões das bolsas de valores (MANGUEL, 2000).

Em defesa da ficção, Manguel (2000) declara que o que ordinariamente é chamado de “real” não passa de uma ficção, salientando que a realidade não somente se iguala a ficção, mas, muitas vezes, a supera (MANGUEL, 2005b). Realça o autor que tanto a ficção quando a chamada “realidade” são feitas da mesma matéria: palavras (MANGUEL, 2000, 2009).

A ficção possui, também, forte sentido político, pois a mesma tem o poder de subverter uma “realidade” que é artificialmente dada como acabada e imutável (MANGUEL, 2008a). É bom lembrar que, segundo entende Manguel (2006), a “realidade” é uma construção, também é uma tentativa de organização do caos. E por que a ficção não poderia migrar para o plano material? (MANGUEL, 1997, 2000, 2005b, 2008a).

Quando Manguel afirma tudo o que já foi descrito e denuncia que todo cotidiano e todo lugar são “imaginados” – pois um lugar ou cotidiano nunca o é em sua totalidade, mas sempre como alguém imagina que seja (MANGUEL, 2005b) – ele tira o leitor do conforto do “real” mostrando a linha tênue que existe entre “realidade” e “ficção” desconstruindo, assim, a inferiorização que a modernidade impôs ao ficcional.

Ora, evidentemente, defender a ficção é o mesmo que defender o que é da ordem do imaginário. Declara Manguel em “A cidade das palavras” (2008a) que a imaginação, antes de tudo, é um “mecanismo de sobrevivência” (aqui, novamente, o estreito elo entre o ficcional-imaginário e o vivencial-político). Mecanismo esse que fabrica experiências que, por sua vez, educam e aprimoram os indivíduos com a mesma eficiência que as experiências do mundo físico. Conclui, pois, Manguel, em “À mesa com o Chapeleiro Maluco” (2009, p. 50), que se é a imaginação que opera mudanças, então “toda crise de sociedade é, definitivamente, uma crise de imaginação”, já que “imaginar é dissolver barreiras, ignorar fronteiras, subverter a visão de mundo que nos foi imposta”.

É dessa perspectiva valorativa da ficção e da imaginação que Alberto Manguel afirma ser a literatura uma ponte entre o físico e o metafísico. Manguel (2008a) chega a comparar o escritor de literatura ao xamã tribal, pois ambos subvertem o mundo físico e destaca em outra obra (MANGUEL, 2000) que crianças, lunáticos e escritores (e aqui poder-se-ia acrescentar leitores subversivos) possuem, em comum, o fato de não aceitarem uma realidade acabada, imutável, que lhes é imposta.

Após todas as análises já enunciadas é possível concluir que as experiências do leitor são, em larga medida, potencializadas no âmbito

das conexões dos itinerários de leitura-leitura, cotidiano-leitura e leitura-cotidiano.

### c) Funções do lido na relação com o vivido

Para Manguel (1997, 2000, 2005, 2008, 2009), a literatura proporciona autoconhecimento. “*Quem és tu?*” é a enigmática pergunta que a Lagarta faz para Alice, em “*Alice no País das Maravilhas*”. Manguel entende que esse questionamento da Lagarta sempre persegue os leitores de literatura e levanta um dos aspectos da relevância do autoconhecimento proporcionado pela literatura explicando que a percepção que o indivíduo tem sobre si afeta a percepção que o mesmo possui sobre o mundo e os outros indivíduos.

Manguel (2001, 2006, 2009) discute que o autoconhecimento está relacionado ao conhecimento do outro, pois o conhecimento do outro fomenta autoconhecimento, ou seja, a literatura potencializa esses dois elementos que se enriquecem mutuamente. E destaca que “poucos métodos são mais adequados a essa tarefa de percepção mútua do que a narração de histórias” (MANGUEL, 2008a, p. 19).

O contato com o outro, mediado pela literatura, gera sensibilidade no leitor (MANGUEL, 2000, 2001, 2006, 2009) e o sofrimento do outro, mostrado nas obras literárias, leva-o a questionar quais os motivos que impulsionaram tal sofrimento: “Minha biblioteca repete uma e outra vez a mesma pergunta: quem faz Jó sofrer tanta dor e tanta perda?” (MANGUEL, 2006, p. 204).

Manguel (2001, 2005, 2006) ainda trabalha com o conceito de que as obras literárias são um *memento mori* constante para o leitor, possibilitando que o mesmo reavalie a própria vida. Segundo o autor, o leitor de literatura pode sobreviver à loucura do mundo e à própria loucura, pois ao compreender as atitudes dos personagens pode entender as próprias atitudes como as atitudes dos outros (MANGUEL, 2009).

Segundo Manguel (2009), o leitor de literatura é um espectador diferenciado, uma vez que vislumbra a si mesmo e aos outros homens de forma peculiar. Tal ótica só é possível por intermédio da leitura de obras literárias, “por meio de uma observação lúcida e com uma emoção protegida sob a coberta asséptica da literatura” (MANGUEL, 2009, p. 29), pois “o lugar em que estamos não pode ser visto enquanto estamos nele” (MANGUEL, 2009, p. 55). Na opinião de Alberto Manguel, a literatura proporciona esse distanciamento estratégico que possibilita um vislumbre indireto e “lúcido” de acontecimentos aterradores, cotidianos, energizados por emoções, polêmicas etc.

A consciência literária da fragilidade da vida, da compreensão do outro e do autoconhecimento são alguns elementos que levam o leitor a adquirir sensibilidade, flexibilidade e empatia, que são outras contribuições que podem ser proporcionadas pela leitura literária, como demonstra o autor em algumas de suas obras (MANGUEL, 1997, 2008a, 2009).

É necessário ainda destacar que, segundo Manguel (2000, 2005b, 2009), a ambiguidade, tipicamente literária, leva o leitor a valorizar a diferença e a diversidade. Essa ambiguidade literária possui outro benefício, como o combate aos discursos maniqueístas, típicos, por exemplo, em períodos de guerra.

A literatura combate também outras verdades arbitrárias e constrangimentos que, muitas vezes, são impostas aos indivíduos:

No reino da narrativa, sinto-me um pouco mais à vontade, e uma vez que as histórias, ao contrário das formulações científicas, não esperam, e na verdade rejeitam respostas unívocas, posso perambular por esse território sem me sentir constrangido a dar soluções e conselhos (MANGUEL, 2008a, p. 13).

Manguel esclarece que o leitor nunca está só, não somente porque o livro é a pátria dos leitores (1997, 2005b), mas porque a literatura confirma ou antecede as experiências de vida de quem lê (MANGUEL, 1997, 2000, 2005b, 2009). Ademais, o leitor percebe que outros indivíduos já sentiram e presenciaram o que ele também sente e presencia. É paradoxal o fato de que um livro é fruto de experiências – de vida e de outras leituras, do autor – mas também promove novas experiências no leitor, mediante o encontro dialético das múltiplas experiências do autor com as múltiplas experiências do leitor (MANGUEL, 2000).

Vale ressaltar que o encontro de experiências nem sempre é positivo; o estranhamento entre leitor e obra literária ocorre com muita frequência, como destaca Manguel. O fato de que determinada experiência literária gera identificação para uns e estranhamento para outros é mais uma prova de que cada leitor lê de forma diferente (MANGUEL, 2006).

Ora, já é possível adentrar, finalmente, no aspecto da leitura literária como forma de resistência, principalmente de grupos perseguidos/oprimidos e marginalizados (mulheres, homossexuais, judeus, negros etc.) que utilizaram a literatura como canal de resistência cotidiana frente às adversidades (MANGUEL, 1997, 2000, 2005b, 2006, 2008a). Para Manguel (2000), a literatura do oprimido se fortalece na injustiça e na perseguição.

Afirma o autor, discorrendo sobre como as mulheres utilizaram a literatura como meio de resistência que, diferentemente do diário pessoal,

a publicação – ou seja, a reprodução de um texto a fim de multiplicar seus leitores através de cópias manuscritas, da leitura em voz alta ou da imprensa – permitiu às mulheres encontrar vozes similares às suas, descobrir que seu fardo não era único, descobrir na confirmação da experiência uma base sólida sobre a qual construir uma imagem autêntica de si mesmas (MANGUEL, 1997, p. 266-267).

O autor cita o caso específico dos homossexuais em “No bosque do espelho” (2000) e explica que os heterossexuais sempre possuíam referências identitárias em abundância na televisão, nas revistas, nos filmes, na família tradicional etc.; já os homossexuais não dispunham de tal fartura de espelhamentos e confirmações identitárias, logo, a “literatura gay”<sup>3</sup>, em especial a autobiográfica, teve (e continua tendo) papel decisivo para esse grupo como refúgio na busca por referências e reafirmações de identidades, espelhamento de experiências e resistência às perseguições em meio a uma cultura predominantemente heterossexual.

Manguel explica melhor essa questão da reafirmação identitária de grupos oprimidos mediante narração literária, apropriando-se de escritos de Edmund White:

ao contar ‘uns para os outros – ou para o mundo hostil em torno deles – as histórias de suas vidas, não estão apenas registrando o passado, mas também dando forma ao futuro, forjando uma identidade e, ao mesmo tempo, revelando-a’ (MANGUEL, 1997, p. 266).

Em “Os livros e os dias” (2005b), Manguel relata um acontecimento transcorrido na manhã do ataque terrorista às Torres Gêmeas de Nova York, em setembro de 2001: durante o desabamento das torres um indivíduo ficou preso dentro de uma livraria e, em meio ao caos completo (gritos, sirenes, explosões, pessoas correndo em pânico etc.), começou a ler. Vale ressaltar que a obra literária pode ser um refúgio para o leitor, “em meio à incerteza e muitos tipos de medo” (MANGUEL, 2000, p. 30), mas não deve ser compreendida como libertadora de tensões ou alienadora.

A fruição da leitura, na melhor das hipóteses, aumenta, em vez de liberar, as tensões de nossa mente, retesando-as para que se manifestem, tornando-nos mais e não menos, conscientes de sua presença. É verdade que às vezes o mundo da página passa para o nosso consciente *imaginaire* – nosso vocabulário cotidiano de imagens – e então vagamos a esmo naquelas paisagens ficcionais, perdidos de admiração, como Dom Quixote. Mas na maior parte do tempo, pisamos em terra firme. Sabemos que estamos lendo, mesmo quando suspendemos a descrença (MANGUEL, 1997, p. 340).

Em “Uma história da leitura” (1997), Alberto Manguel expõe um registro fotográfico de 1940 que merece destaque nesse sentido: uma fotografia de uma biblioteca londrina parcialmente destruída (o teto a céu aberto, as prateleiras de livros mescladas aos escombros de escadas, vigas de madeira,

livros e concreto) após um bombardeio alemão. Em meio ao caos da guerra, que não poupou nem a biblioteca, um homem lê, enquanto outros dois procuram livros pelas prateleiras. Comentando a fotografia o autor afirma que

eles não estão dando as costas para a guerra, nem ignorando a destruição. Não estão escolhendo os livros em vez da vida lá fora. Estão tentando persistir contra as adversidades óbvias; estão afirmando um direito comum de perguntar; estão tentando encontrar uma vez mais – entre as ruínas, no reconhecimento surpreendente que a leitura às vezes concede – uma compreensão (MANGUEL, 1997, p. 341).

Em “A cidade das palavras” (2008a), Manguel ainda afirma que a literatura gera compreensão, na perspectiva de que aproxima o leitor dos indivíduos que cometem terríveis atos de destruição social e lança luz para a possibilidade de transformação que há dentro de cada sujeito, independente dos piores atos que o mesmo tenha cometido.

Os monstros não continuam monstros para sempre. Essa é uma das revelações que as histórias podem nos oferecer. Captados e transmitidos em palavras, apresentados como ponto de partida para reflexão e o diálogo, os monstros que em geral vemos fora da lei social podem de repente ser vistos em toda a sua humanidade trágica, expostos não como criaturas capazes de atos monstruosos por serem diferentes de nós, mas porque são muito parecidos conosco e capazes dos mesmos atos (MANGUEL, 2008a, p. 63).

A leitura literária também pode resguardar a individualidade do leitor em meio à massificação. Explora Alberto Manguel que a leitura solitária pode ser entendida, metaforicamente, como uma intimidade murada (MANGUEL, 1997, 2000) e que tal relação privada e íntima entre o leitor e o livro é intensificada quando é operada no quarto e, em especial, no leito do leitor. A junção do livro com o quarto representa, metaforicamente, uma fortaleza que afirma e defende a individualidade do leitor (MANGUEL, 1997).

Segundo o autor (2000, 2005b, 2009), o leitor praticante da leitura subversiva conhece a maleabilidade das palavras justamente porque está acostumado a subverter. Devido a tal, não é presa fácil de discursos manipuladores. O leitor subversivo é um desconfiado questionador da superfície brilhante das palavras (MANGUEL, 2000) e pode sobreviver melhor ao caos ludibriador da política, da propaganda e do engano.

## Considerações finais

Em “À mesa com o Chapeleiro Maluco” (2009), Manguel defende que o professor, além de estimular a reflexão e o questionamento, deve fomentar leituras pessoais e compartilhar leituras literárias, conduzindo os discentes na percepção de que a literatura está conectada à vida.

Isso porque a leitura promove autoconhecimento e pela literatura o docente pode tomar consciência de si, dos outros e do mundo, construindo sua subjetividade e (re)organizando sua relação com o contexto em que está inserido.

De suas lições, apreendemos que o professor-leitor de literatura poderá ser mais compreensivo e flexível, pois a literatura amplia a sensibilidade, promove a aceitação da diferença e o reconhecimento do outro; algumas experiências vivenciadas pelo docente no percurso de sua história, dentro e fora da sala de aula, poderão ser identificadas na literatura, outras experiências que não eram compreendidas, poderão o ser; a prática da leitura literária poderá se constituir como um ato de resistência frente aos desafios e dificuldades da prática docente, na medida em que o professor se reconhece em outras experiências.

Por fim, a prática docente poderá ser questionada e transformada por intermédio de uma leitura crítica: o estudante e o docente praticantes da leitura literária subversiva poderão vir a ser manipuladores das palavras, sendo menos manipulados por elas. Sendo assim, a leitura literária é uma experiência de formação indispensável para os professores em seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional.

Supomos que Manguel deve concordar com Bartolomeu Campos Queirós, autor do Manifesto por um Brasil Literário (2009), quando afirma que a leitura literária é um direito de todos que ainda não está escrito. Defender esse direito, segundo Queirós, é também afirmar “uma política por sonhar um País mais digno”.

## Notas

\* Licenciando em História na Universidade Metodista de Piracicaba. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UNIMEP. E-mail: autotelico@ymail.com

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba. E-mail: reccunha@unimep.br

<sup>1</sup> Tal máxima, como reconhece o autor em “Os livros e os dias” (2005b), é uma subversão que ele mesmo fez da divisa da Abadia de Theleme: *fais ce que voudras* (faça o que quiser), contida na obra “Gargantua”, de François Rabelais.

<sup>2</sup> Dentre algumas dessas obras, destacam-se: “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis; “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes; “O signo dos quatro”, de Conan Doyle; “Memórias de além-túmulo”, de Chateaubriand; dentre outras.

<sup>3</sup> Manguel utiliza esse termo, mas o relativiza, deixando bem claro que tal nomenclatura

pode se tornar deturpadora, já que há autores que não são homossexuais e escrevem literatura homossexual, assim como há autores homossexuais que são escritores de ficções literárias que não abordam a temática (MANGUEL, 2000).

## Referências

CADERMATORI, Ligia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Editora 34, 2002.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.28, n.2, p. 101-115, jul./dez. 2003. Disponível em: <seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25643/14981>. Acesso em: 3 ago. 2012.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **No bosque do espelho**: ensaios sobre as palavras e o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **O amante detalhista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Os livros e os dias**: um ano de leituras prazerosas. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Contos de horror do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2005c.

\_\_\_\_\_. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contos de amor do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Ilíada e a Odisséia de Homero**: uma biografia. São Paulo: Jorge Zahar, 2008b.

\_\_\_\_\_. **A mesa com o chapeleiro maluco**: ensaios sobre corvos e escrivainhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Todos os homens são mentirosos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**.

São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (orgs.). **O método (autobiográfico) e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 155-188.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2a ed., São Paulo: Editora 34, 2009.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Manifesto por um Brasil Literário**. Paraty, 2009. Disponível em: <[www.brasilliterario.org.br/noticias/mostra.php?id=3](http://www.brasilliterario.org.br/noticias/mostra.php?id=3)>. Acesso em: 3 ago. 2012.

SÁ-CHAVES, Idália. **Formação, conhecimento e supervisão: contributos nas áreas de formação de professores e de outros profissionais**. Aveiro: Universidade, 2000.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida. et al. (org.). **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2004, p. 17-32.

Recebido em: novembro de 2012.

Aprovado em: abril de 2013.